

Aids cresce mais nas satélites

NO DF, 2.086 PESSOAS APRESENTARAM A DOENÇA, ENQUANTO OUTRAS 1.492 ESTAVAM INFECTADAS

Marcos Nunes

Mais de 20 anos após o aparecimento da Aids, embora Brasília seja a décima cidade em número de casos no País, o Distrito Federal é o quarto colocado, em comparação com as outras unidades da federação. Até setembro, no DF, 1.492 pessoas estavam infectadas e 2.086 manifestaram a doença.

Se até a década de 1990, a Aids afetava predominantemente pessoas de classe média que moravam no Plano Piloto, Cruzeiro e Guarã, hoje ela vem aumentando nas classes sociais mais baixas, em cidades-satélites como Ceilândia e Taguatinga.

Também nesse período, a distribuição de ocorrências no DF mudou e mudou o modo como as pessoas encaram e vivem com a Aids. O preconceito ainda é um dos maiores problemas de quem convive com o vírus ou a doença e é o tema do Dia Mundial contra a Aids, comemorado hoje.

Ao mesmo tempo, a banalização vem levando a situações de risco generalizado, onde as pessoas deixam de se precaver porque ignoram os reais efeitos da doença. Um exemplo claro disso é a diminuição do número de



NARDA de Camargo, do grupo Gapa: linguagem para a prevenção precisa ser adaptada

ocorrências entre homossexuais, porque passaram a se proteger mais, e o aumento entre heterossexuais, porque têm menos atenção aos cuidados para evitar a infecção.

Se antes, também, era classificada pejorativamente de câncer gay e havia grupos de risco, atualmente predomina a transmissão igualmente por homens e mulheres e há situação de risco. Até setembro deste ano, para cada 15 infectados homossexuais, houve 38 casos entre heterossexuais.

Para Márcio Fortuna, vo-

luntário do Grupo de Apoio e Prevenção da Aids (Gapa), é mais difícil tratar o paciente carente. Segundo ele, apesar de receber da Secretaria de Saúde, os

medicamentos, muitas vezes essa pessoa não pode se alimentar bem. Assim, não consegue combater os efeitos colaterais dos medicamentos. "A questão financeira é o principal pon-

to nesse quadro", enfatiza.

Para Luiz Antônio Bueno, médico epidemiologista da Gerência de Doenças Sexualmente Transmissíveis e Aids da Secretaria de Saúde,

é preciso voltar a atuação ao público de menor escolaridade e mais carente das cidades-satélites.

Para Narda de Camargo, do Gapa, é preciso adaptar a linguagem da comunidade a este público, às comunidades carentes, aos postos de caminhoneiros. "O que é feito hoje só terá efeito daqui a cinco ou dez anos. Mas a expectativa para o Brasil, há 20 anos, era bem pior do que a nossa realidade hoje. Na África, não é o que acontece", ressalta.

Welton Trindade, presidente do Estruturação, grupo homossexual de Brasília, destaca que houve uma mudança no discurso de prevenção. "Foi preciso entender que o medo não conven- ce as pessoas. É preciso falar coisas positivas", diz.

Nível escolar muda

O médico Luiz Antônio Bueno, epidemiologista da Gerência de Doenças Sexualmente Transmissíveis e Aids da Secretaria de Saúde, diz que outro dado que confirma a mudança na distribuição da Aids no DF é a escolaridade. "Até 1992, eram mais atingidos indivíduos com ensino secundário ou superior", assinala.

De lá para cá, vêm sendo mais infectados indivíduos com menos que o segundo grau, constata o médico. Para tratar essa população, oito centros fazem atendimento ambulatorial e todos trabalham a prevenção, principalmente em relação às gestantes, com testes de HIV.

Além dos medicamentos retrovirais garantidos pelo governo federal, um convênio do Banco Mundial repassa R\$ 1,75 milhão para o

tratamento da Aids no DF, que entra com uma contrapartida de mais 17%, cerca de R\$ 300 mil.

Josenilda Gonçalves, gerente do Programa de DST/Aids, diz que o DF recebe quase o mesmo que estados maiores, como o Rio de Janeiro.

Do dinheiro recebido, 82% já foram usados este ano. A maioria, cerca de 60%, em treinamento e na prevenção.

Dados da Secretaria mostram que a taxa de mortalidade da doença caiu de 31,9% em 1995, para 8,2% no ano 2000. Entretanto, por causa da falta generalizada de medicamentos da rede de Saúde, faltam remédios contra as chamadas "doenças oportunistas". O novo secretário Arnaldo Bernardino comprometeu-se em resolver o problema.

ONGs garantem apoio

As Organizações Não-Governamentais (ONGs) têm papel importante no trabalho de prevenção e ajuda à população infectada. Juntas, atendem diferentes segmentos. No DF, pelo menos 10 grupos atuam direta e indiretamente nesse sentido e em projetos integrados com as Secretarias de Saúde e Educação.

Grupos ligados à Igreja Católica, por exemplo, lidam com a prevenção, mas também enfrentam críticas por ignorar a sexualidade de seus próprios membros. Além deles, há casas de apoio, que dão abrigo a quem não tem ou, em alguns casos, perdeu o que tinha.

Grupos como o Atitude, de Ceilândia, atua com a conscientização de jovens até 30 anos.

O Arco-Íris atua principalmente na ação social, dando apoio jurídico a pessoas mais carentes e até cestas de alimentação, se necessário.

A maior preocupação dessas entidades e da Secretaria de Saúde é descobrir quem foi infectado, antes que apareçam os sintomas. "Quando isso é conseguido, o tratamento e a convivência com a doença é mais fácil", diz Márcio Fortuna, um dos voluntários do Gapa.

O grupo tem diversos projetos e entre eles, atua com pacientes hospitalizados, no esclarecimento da situação jurídica, do compor-

tamento sexual e da alimentação. Um dos trabalhos do Gapa inclui a assistência no sentido de se conseguir o melhor tratamento para quem foi infectado pelo HIV, ou está com Aids. Também dá atendimento psicológico aos pacientes e familiares, faz trabalho preventivo com jovens presos no Caje e com profissionais do sexo, em Taguatinga e no Conic.

Outro grupo com forte atuação é o Estruturação, grupo homossexual de Brasília, que trabalha basicamente com informações para gays, lésbicas e simpatizantes.

"O trabalho das ONGs é fundamental. Somos nós quem sempre cobramos", diz Welton Trindade, presidente do grupo. A linha de ação não visa à camisinha e à doença, mas a promover a saúde.

Para ele, o indivíduo precisa estar bem consigo e com sua sexualidade. O jovem é bem informado e o novo passo é a conscientização, para a prática do sexo seguro sempre.

Serviço

Programação de hoje da campanha do Dia Mundial de Luta contra a Aids – às 11h, na Torre de TV, o grupo Hierofante apresenta a peça *O Auto da Camisinha*, e distribui material educativo. O Grupo Estruturação fará a distribuição de gel lubrificante íntimo, preservativos e material informativo. Também fará a apresentação de uma esquete teatral em uma barraca instalada no Bar Barulho; no Parque da Cidade.

Aumento de casos

No caso da contaminação entre heterossexuais, a proporção de casos vêm aumentando, independentemente da classe social. Por acreditarem estar num relacionamento estável, muitos parceiros deixam de se prevenir. Ou porque acreditam na fidelidade do parceiro, ou porque o conhecem há muito tempo.

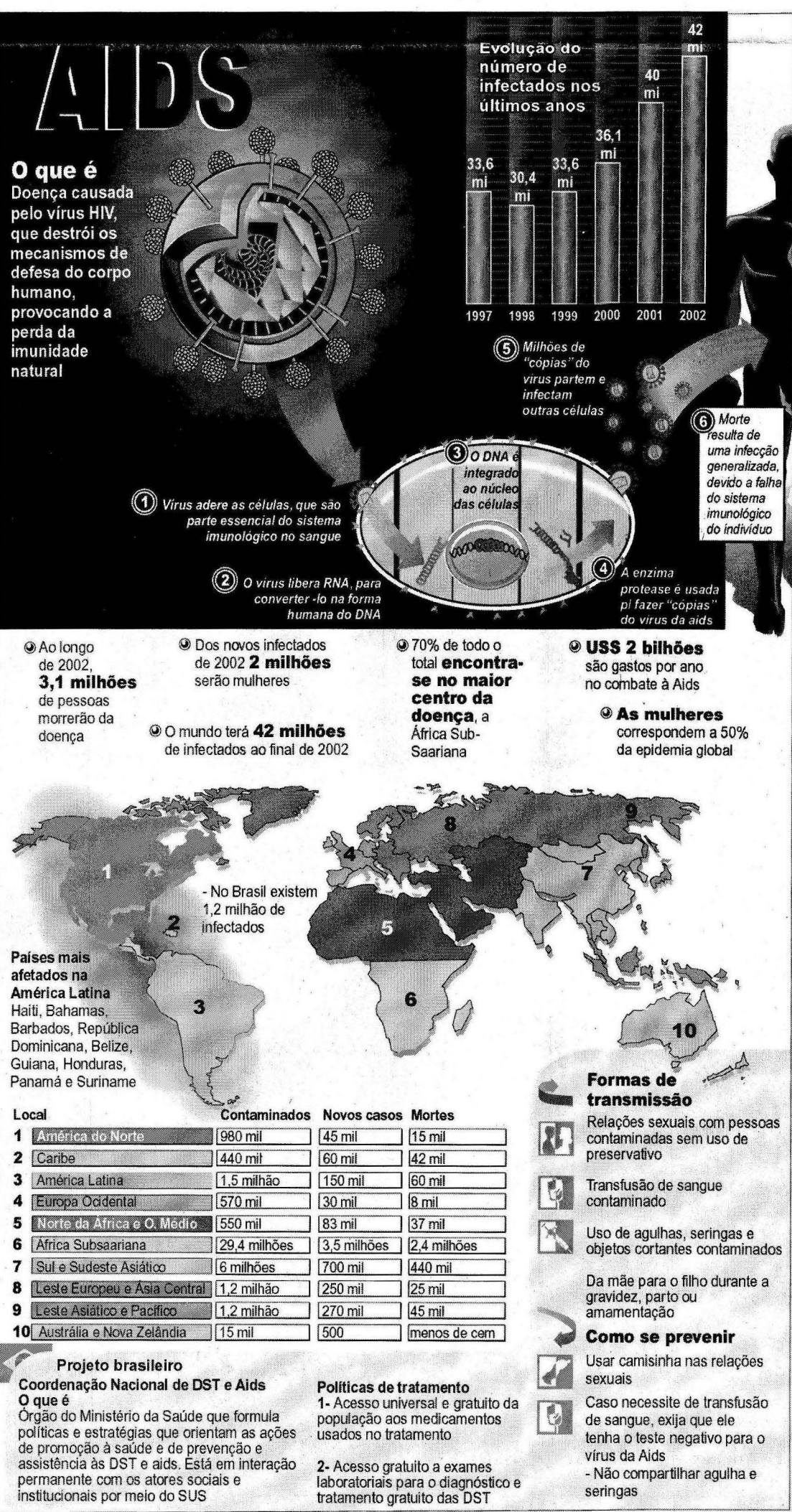
Porém, Narda Camargo, do grupo Gapa, explica que, muitas vezes, a doença demora anos para se manifestar, e pode ter sido contraída antes do relacionamento com o parceiro atual", diz.

Sobre o aumento da infecção entre mulheres, o médico Luiz Eduardo conta que muitas são casadas, mas foram atingidas pelos parceiros, que têm relações extraconjugais ou usam drogas. Em 2001, 63,5% das mulheres heteroinfectadas contraíram a doença por meio de um relacionamento. Destas, 67,5% tinham parceiros fixos.

Um dado local que repete os números nacionais destaca que a incidência em mulheres cresce mais que em homens. Em 2001 e 2002, ela foi de dois homens para cada mulher infectada, quando antes era de oito para um.

Narda considera os casais mais velhos, na faixa dos 45 aos 60 anos, que voltaram a ter relacionamento sexual por causa do uso do Viagra, vem recebendo pouca atenção. "Normalmente, são também pessoas casadas e com relacionamentos estáveis, mas que não faziam sexo e por causa do medicamento, voltaram a fazer. Mas houve um aumento de contaminação nessa faixa", relata a dirigente do Gapa.

Outra preocupação é com o preconceito "Há uma violência invisível contra quem tem HIV ou Aids, porque é como uma exclusão social, que tira das pessoas seus projetos de vida", ressalta a integrante do Gapa.



Fonte: Unais (Nações Unidas para a Aids)

© GRAFFO